

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



REDACÇÃO

ALEXANDRE HERCULANO.—A. D'OLIVEIRA MARRECA.—A. DE SERPA.—A. P. LOPES DE MENDONÇA.—ERNESTO BIESTER.—FRANCISCO GOMES D'AMORIM.—FRANCISCO PEREIRA D'ALMEIDA.—F. M. BORDALLO.—FRANCISCO ROMANO GOMES MEIRA.—J. M. LATINO COELHO.—J. M. D'ANDRADE FERREIRA.—J. S. MENDES LEAL.—J. DE TORRES.—LUIZ FILIPPE LEITE.—L. A. PALMEIRIM.—R. BULHÃO PATO.—RODRIGO PAGANINO.—CARLOS JOSE CALDEIRA.

Director

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

LISBOA:—Anno 3\$600 rs.—Semestre 1\$920 rs.—Trimestre 1\$000 rs.—Numero avulso 120 rs.

VOL. I.—NUM. 17.—SABBADO, 26 DE ABRIL DE 1856.

PROVINCÍAS—FRANCO—Anno 4\$000—Semestre 2\$100 rs—Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 5\$000.

SUMMARIO.

Ir a Roma e não ver o papa, romance (continuação).—O reino das Flores (continuação).—Uma viagem pela litteratura contemporanea, (continuação).—Os plenipotenciarios do congresso de Paris—A hospitalidade.—Bibliographia.—A minha rosa branca—Viagem d'elrei o Sr. D. Pedro v.—A Academia das Bellas Artes de Lisboa.—Saudades.—Chronica Semanal.—Habitantes de Chosan.—Modas.—Bibliographia.

GRAVURAS—Habitantes de Chosan.—Os plenipotenciarios do congresso de Paris.—Modas.

IR A ROMA E NÃO VER O PAPA.

AVENTURAS DE UM CAÇADOR.

(Continuado do n.º 15).

CAPITULO X.

Do que o sr. Luiz Louet passou na estrada de Sienna.

—Nunca me lembra de ter feito uma jornada tão aborrecida, nem por tão abominaveis caminhos,—continuu o violoncello viajante.—O cocheiro parecia de proposito affastar-se das villas e povoados. Podia-se imaginar que atravessavamos um paiz selvagem.

Parámos, para jantar, n'uma choça hedionda. O jantar constou d'uma fritada de pintos que ainda não tinham saído da casa. O cocheiro parecia intimo com uns homens tão mal encarados que me fizeram estremecer de suspeitas.

Deram-me tentações de as communicar aos meus companheiros de jornada; mas, se bem me lembro tive já a honra de lhes advertir...

—Que não fallava ainda o italiano? Já.

—Foi por isso que me contive.

—Mas por que não desabafou com o official, seu compatriota?—interrompeu Dumas, instinctivamente interessado porque pressentia a acção dramatica.

—Desabafar com elle!—retorquiu o grande caçador.—Pois não. Ainda me lembrava do modo por que tinha acolhido a minha officiosidade anterior.

Seguimos avante; mas o caminho, em vez de melhorar, cada vez se tornava mais... inqualificavel. Não é exageração dizer-lhes que atravessamos o que se pode chamar um sertão. Investimos por fim com uma especie de garganta ou desfiladeiro. Á esquerda montanhas apumadas; á direita uma torrente estrepitosa. Era medonho.

É para maior terror vinha cabindo a noute.

Ninguém fallava já, nem mesmo os italianos, o que é raro: só o cocheiro praguejava aos animaes.

—« Estamos ainda muito longe de Sienna? »—perguntei.

—« Estamos a meio caminho, »—indicou-me o conductor, metado por signaes, metade na sua algaravia.

Reflecti então que, se podesse adormecer, havia de parecer-me incomparavelmente mais suave do caminho. Aninhei-me pois como pude no meu canto, e fechei os olhos para conciliar o somno. Tentei até resonar; mas recei acordar-me com a bulha e deixei-me d'isso.

Diz-se que a boa vontade é mãe de bons resultados. Naquella occasião foi uma viva prova d'este aphorismo. Ao cabo d'uma hora de vontade firme, caí n'uma especie de somnolencia vaga, que ainda não era dormir, mas que lhe andava perto; tinha a percepção das cousas, e perdera o uso das facultades.

Não posso dizer que tempo me conservei n'este estado anormal. De repente, pareceu-me sentir que o vetturino parava. Figurou-se-me depois que havia um grande tumulto em redor de mim. Tudo isto porem era indeciso. Fiz toda a deligencia para acordar. Era impossivel. Tinha-me magnetizado a mim mesmo.

N'este comenos ouvi dois tiros de pistolla. Cedeu a a somnolencia e despertei tanto mais violentamente quanto a escorva dos tiros me tinha ardido quasi na cara.

Abro os olhos, e que vejo!...

—Que foi?

—O que hei-de eu ver, meus senhores, o que hei-de eu ver encostado ao peito? O cano da minha propria espingarda. Conhecia-a perfeitamente, e fiquei muito arrependido de não a ter descarregado!

Tinhamos sido atacados por uma quadrilha de salteadores que nos bradavam desalmadamente:

—« Faccia in terra, faccia in terra! »

Apezar da minha ignorancia da lingua percebi perfeitamente o que queriam dizer, e dei-me toda a pressa possivel a saltar do estribo. Mas, pelos modos, não foi com tanta velocidade como queriam os aggressores, por que um d'elles pregou-me com todo o desembaraço uma valente coronhada na nuca, exactamente como se faz aos coelhos, um pouco mais forte só. Felizmente para mim tambem tenho os cascos mais duros, e o cerebello mais a coberto do que a dieta caça.

—Agora por caça, —observou Méry:—hão-de ter reparado que, n'estas memoraveis aventuras, o sr. Luiz Louet principiou caçando e vemol-o em risco de acabar caçado.

—Deixe-o continuar,—atallhou Dumas.

—Vão ver o melhor,—prossegiu o sr. Luiz Louet.

—Caí de bruços, tanto da força da pancada como da urgencia da situação. Os meus companheiros de jornada estavam já todos estendidos como eu, á excepção do official que parecia ter o demo no corpo. Afinal, esse, cedendo ao numero, teve de sujeitar-se como os outros.

Apalparam-me, vasculharam-me os bolsos, revolveram-me tudo. Os meus trezentos francos foram-se, já se vê. Quiz ver se podia salvar o solitario, e voltei a pedra para dentro. Desgraçadamente não tinha a virtude do anel do Gyges. Não-de saber que o anel de Gyges, quando lhe voltavam o escudete para a palma da mão toruava invisivel o seu possuidor.

—Sabemos.

—Pois não tinha essa virtude o meu solitario, e tiraram-m'o tambem. Levaram mais de meia hora n'estas investigações e proximidades verdadeiramente indecentes; e, ao cabo, o que parecia commandante da quadrilha disse:

—« Entre os senhores vem algum musico? »

Pareceu-me singular o interrogatorio, e julguei que não era oportuno revellar a minha profissão.

—« Então, ouvem? »—repetiu a mesma voz.—« Pergunto se algum dos senhores toca algum instrumento. »

—« Escusa de procurar mais, »



Habitantes de Chosan.

accudiu outra voz impregnada de sarcasmos, que me pareceu a do meu compatriota official de hussards. — Ali tem o sr. Luiz Louet, que toca baixo e contra baixo, é o que foi roubado com a sua propria espingarda.

Indignou-me aquella ironia da parte de um conterraneo.

Fiz-me de cal, e estava mais pequenino que um feijão. Perdoem-me a comparação familiar...

— E vegetal...

— Mas não acho outra.

— «Quem é aqui Luiz Louet?» — redarguiu a voz do cabo da quadrilha. — «É isto?»

Acercaram-se de mim, e senti que me sopesavam pela golla da minha caçadeira, que lhes ia ficando nas mãos. Foi um instante em quanto me puz em pé.

— «Que querem de mim, senhores meus, valha-me o céu! que querem de mim?» — gritei transido.

— «Socegue,» — tornou-me o salteador — «Não lhe queremos nada que lhe não seja muito agradável. Ha oito dias que andamos de uma banda para a outra em cata d'um artista, sem o poder achar. O capitão estava já desesperado. Agora fica pulando de contente.»

Tinha pensado que era aquelle o capitão, e não era. Não estava ali.

— «Como!» — atalhei. — «Quer-me para me levar ao seu capitão?»

— «Exactamente.»

— «E separa-me dos meus companheiros?»

— «Para que nos servem a nós os seus companheiros? Os seus companheiros não são musicos.»

— «Oh! senhores, — bradei desorientado, — soccorram-me por quem são, soccorram-me! Não me deixem levar assim!»

— «Estes senhores hão de ter a bondade de ficar muito quietinhos aqui, — disse o cabo da quadrilha, — exactamente como estão, sem se mexerem, por espaço d'um quarto d'hora. Passado um quarto d'hora podem continuar a sua jornada.»

— «E o official?» — perguntou um dos quatro salteadores que seguravam o meu compatriota.

— Amarrem-o a uma arvore. D'aqui a um quarto de hora o cocheiro o desatará. Ouves, cocheiro? Se o desprendes antes de um quarto de hora comigo te haverás. Olha que é comigo, com o Braço-de-ferro!»

O cocheiro expectorou uma especie de gemido abafado, que podia muito bem passar pela exigida aquiescencia á ordem que recebera.

Quanto a mim, tinha perdido a força e o animo. Estava que uma criança me açoitaria impunemente. Já se vê se teria a minima tentação de resistir aos dois latagões que me seguravam.

— «Vamos: a caminho,» — dizia o maioral dos salteadores presentes; — «e tractem-me com toda a cortezia o instrumentista. Se não quizer andar, empurrem-o só por onde sabem.»

Tive curiosidade de saber tambem por onde é que me haviam de empurrar em caso de resistencia, e parei. Ah! senhores sempre levei um pontapé... do lado do poente... que me fez ver as estrellas ao Meio-Dia!

Não tinha mais que ver. Estava desenganado e livre de todas as duvidas. Resolvi-me a continuar.

Os salteadores encaminharam-se para o mais agreste da serra, cujos pincares escuros se levantavam disformes recortando o céu. Era de arripiar.

— Só a descripção faz horror!

— Andámos cousa de meia milha, e atravessámos por uma ponte de pau uma especie de catadupa. A agua feria por baixo em cachões, e a espuma saltando em flocos cegava e attraía. Não sei como não me deu a vertigem.

— Credo!

— Entramos depois n'um pinhal cerrado, e atravessámos-o todo. Finalmente, na extremidade d'elle, avistámos uma luz!

Dirigimo-nos para ali. Era uma locande suspeita, que não sei o que fazia ali, perdida por aquelles atalhos. Paramos a cincoenta passos da casa, e um dos salteadores, destacando-se, fui reconhecer o local. D'ahi a pouco ouvimos tres palmadas. Pelos modos era um signal convencionado, e o que esperava o commandante da quadrilha para seguir avante. Os salteadores deram todos a andar alegremente quebrando o silencio. Dois assobiavam, e o resto cantava, cousa que ainda nenhum delles tinha feito, mesmo depois de sairmos da estrada real. Não acham os senhores que tudo aquillo tinha mysterio?

— Pois isso padece duvida!

— Quer me creiam, quer não! Quando crusei o limiar da tal locanda, parecia-me que tinha entrado no inferno, tal era a ingresia e o tumulto que lá por dentro andava.

— «Ove sta il capitano?» — perguntou o cabo da quadrilha mal entrou.

— «Al primo piano,» — retorquiu o locandeiro.

— «Ora esta!» — dizia eu comigo: — «Está ao piano e ainda agora é o primeiro. Querem ver que o homem é maniaco de musica! Tem-se visto tanta cousa!» Não era bem reflectido?

— Perfeitamente.

— A locanda tinha um piso terreo, e um andar assobradado. Os salteadores enfiaram todos pela escada acima, á excepção de dois que ficaram comigo em baixo, e me mandaram assentar na lareira sem me perderem de

olho. Um dos dois tinha entrado de posse da minha espingarda, o outro da bolsa de caça. Quanto ao solitario e aos tresentos francos, esses haviam-se tornado perfeitamente invisiveis.

Passados minutos gritaram de cima aos meus guardas o que quer que foi que eu não intendi. Como porem me agarraram pela gola da vestia e me empurraram para os degraus, adivinhei que me mandavam chamar do primeiro andar.

— Que sagacidade!

— Pois não me tinha enganado. Mal entrei dei com os olhos no capitão, assentado a uma mesa abundantemente sortida de tudo, e muita bem guarnecida de garrafas de diferentes feitios.

Ao lado do capitão estava uma rapariga folgazã, que parecia extremamente satisfeita.

— Bonita?

— Bonita! Já em Marselha não era nenhuma asneira. Ali pareceu-me uma deusa.

— Pois conhecia-a de Marselha?

— Se conhecia! Mal sabem quem era!

Continúa.

MENDES LEAL JUNIOR.

O REINO DAS FLORES.

(Continuado do N.º 15).

II

Primeiras noticias que da China houve na Europa. — Diversos nomes dados a este imperio. — Noções historicas. — Os MIAO-TZE ou povos aborigenes.

A China, esse celebrado paiz a que seus habitantes dão, entre outros, o poetico nome de reino das flores, é mais geralmente conhecido na Europa, pelos de imperio celeste e reino do meio. Não foi de todo desconhecido dos antigos, nem dos europeus na idade media. Os romanos o denominavam região serica ou paiz das sedas, e os europeus, lhe chamavam Cathaio, quando no V e VI seculos alguns padres christãos partidos de Constantinopla, penetraram n'aquelle remoto imperio, através da Asia central.

No principio do IX seculo, sacerdotes nestorianos, enviados pelo patriarcha Timotheo, tambem entraram na China; bem como alguns viajantes arabes, que escreveram curiosas narrativas, ignoradas então dos europeus, e que hoje maraviham pela sua exactidão. Nos seculos XIII e XIV, ainda mais noções se adquiriram sobre este paiz, quando as relações entre o Oriente e o Occidente se tornaram frequentes, pelas grandes invasões das cruzadas e dos tartaros; successos gigantescos que aproximaram e confundiram quasi todos os povos conhecidos. Foi então que o famoso Marco Polo visitou o celeste imperio, e voltando á Italia, sua patria, escreveu, durante o captivo que soffreu em Genova, o celebrado livro *Delle maraviglie del mondo*, cujas extraordinarias narrações tanto preoccuparam a imaginação dos occidentaes. (1) Tendo-se depois interrompido as communicações com a Asia nos seculos XV e XVI foram pouco a pouco caíndo em descredito aquellas noticias, a ponto de serem tidas por fabulosas, até entre os eruditos. Chegou mesmo a duvidar-se da existencia d'esses famosos imperios do Cathaio e Zipangri, que hoje denominamos China e Japão. Foi d'isto que proveio chamarem, por ironia, a Marco Polo *il signor Marco milione*, porque fallando da China, contava muitas cousas por milhões. O mesmo entre nós succedeu ao auctor das *Perigrinações*, Fernam Mendes Pinto, que alucnaram de Fernam Mendes Minto. A ambos, porém, já fez justiça a posteridade, rehabilitando sua memoria como sinceros escriptores, por se ter reconhecido admiravel singeleza e verdade em quasi tudo que escreveram.

Estava, porém, reservado aos portuguezes, darem nos dias da sua gloria, a conhecer á Europa absorta que nos confins do Oriente havia com effeito esse colossal imperio; o maior em população de quantos tem existido, e só talvez inferior em territorio ao antigo imperio romano, ao de Gengis-Khan, e á Russia moderna. Os povos da India e os reinos limitrophes o denominavam China; mas este nome, tão vulgar na Europa, é hoje inteiramente desconhecido n'aquelle imperio. Seus naturaes o appellidam, reino do meio ou nação central (tchum-kuo) (2), celestial imperio (tien-tchao), reino das flores (tchum-hoa), e imperio que fica debaixo do céu (tien-hia); expressão equivalente á de *orbis terrarum* dos romanos, e a mais usada pelos chins para designar o seu paiz.

A de reino do meio, porém, é a de que mais se ufanam, e cuja origem não está bem averiguada. Pensam uns que deriva da crença dos primeiros habitantes, e que ainda hoje é a do vulgo, de que o seu imperio se achava collocado no meio do globo. Mas a opinião mais seguida pelos doutos, é que esta denominação data do seculo XII antes de Christo, no reinado de Tching-wang, que deu o nome de reino do meio á actual provincia do Ho-nan; porque effectivamente estava no meio dos outros reinos ou principados que então compunham a China. Os chins

(1) Marco Polo nasceu em 1250. Em 1271 acompanhou seu pae á Tartaria e á China. Morreu em 1323. A antiga edição latina da sua obra é de Veneza ou Roma — 1481. Ha uma tradução portugueza.

(2) Cu, n'estas palavras chinezas, pronuncia-se como x, porém com menos força.

não são aborigenes d'este paiz; vieram das regiões situadas ao noroeste, em numero de *cem familias*; expressão muito usada nos livros classicos, e mesmo na conversação e estylo sublime, para designar o povo, e até a nação ou o imperio.

Já em 2357 antes da era christã, no tempo do celebre imperador Iau, havia treze reinos, alguns delles independentes; trinta no reinado do seu successor Xun, em 2255; vinte durante a dynastia Hia, de que foi tronco o imperador Iu, e que durou 2205 a 1797 A. C. Treze desde 1783 a 1137, na dynastia Xam, a que seguiu a dynastia Chou, começada em 1134. A historia menciona então a existencia de vinte e dous reinos, e de quarenta e dous, passados cem annos, em 1034. No tempo de Confucio, 550 A. C., eram cento e vinte cinco, segundo uns, e cento e cinquenta e seis, conforme a opinião de outros. O imperador Ch'in-xe-hoam, acabou com elles todos em 221 antes da nossa era. Todos estes reinos, ou a maior parte, prestavam homenagem ou eram feudatarios do reino do meio ou central (*chum-kuo*). Talvez d'aqui derivasse, por amplificação, dizerem os chins que os seus imperadores governam os dez mil reinos e os quatro mares que estão debaixo do céu.

Quanto ao nome China, parece que na verdade proveiu deste paiz. Os chins tinham por antigo costume designar o seu imperio pelo nome da dynastia reinante. Assim, na alta antiguidade chamavam-lhe Tang, Iu e Hia. Na dynastia dos Han houve imperadores famosos pelos seus feitos, e desde então os chins adoptaram o nome de *han-jin* (homens de Han), que ainda hoje dizem ser commum, principalmente nas provincias do norte. A dynastia dos Thang, excedeu por suas conquistas a fama dos Han, e por tanto chamaram-se os chins por alguns seculos *than-jin*. Agora reina na China a dynastia tartara mantchu, ou dos Thsing (puro), e os chins se appellidam *thsing-jin* (homens puros). É exactamente como se nós portuguezes nos tivéssemos successivamente chamado affonsinos, joaninos e bragantinos.

Os povos malaios conheceram os chins na segunda metade do III seculo A. C., quando o insigne imperador Thsing-che-huang subjugou a China meridional e o Tonquim, avançando suas conquistas até á Cochinchina. Tinha então o nome de thsin, que era o da dynastia reinante, e como os malaios não tem na sua linguagem o som aspirado *ts*, pronunciaram aquella palavra como *tchina*, ajuntando-lhe o som do *a*; nome com que ainda hoje designam o imperio celeste, e que passou a ser usado até aos nossos dias por quasi todos os paizes da Asia oriental.

Depois da conquista de Malaca pelos portuguezes, em 1511, é sabido que, passados cinco annos, d'ali partiu Rafael Perestrello, a bordo d'um *junco* ou navio chinês. Tendo visto a China, regressou a Malaca. Logo em seguida, Fernam Peres d'Andrade se fez de vella para aquelle paiz, com alguns navios portuguezes e outros malaios, cujos pilotos dirigiram a navegação. Destes é que os nossos navegantes adoptariam a palavra Tchina, que passou para todos os povos europeus, modificada segundo a indole dos seus respectivos idiomas.

As primeiras relações dos chins com a India tambem são do tempo da dynastia dos Thsin. Os hindus modificaram este nome para Tchina, pelo mesmo motivo que os malaios. Da India passou aos arabes, que para o adaptarem ao seu alfabeto, o pronunciaram *sin* ou *sina*, e julgam boas auctoridades que daqui veio provavelmente a palavra latina *sinæ*, *sinensis*, para designar os chins.

Tal é a origem da palavra China, segundo a opinião do padre Huc, auctor do *Empire Chinois*, interessante obra ha pouco publicada em França, de que me auxilio neste trabalho. Conheci em Macau este respeitavel e illustro missionario. Aceite elle aqui um testemunho do respeitoso affecto que lhe consagra aquelle que, lá nos confins do Oriente, foi colher na unção das suas palavras e no balsamo salutar da sua benção, as consolações ineffaveis que só a religião pode ministrar.

O reino do meio conta, até hoje, vinte e duas dynastias. As que precederam a nossa era vulgar, foram todas ou quasi todas, de longa duração; contando periodos de quatrocentos, seiscentos e novecentos annos. As posteriores á mesma era, tem sido muito menos duradouras, e uenhuma, segundo nos recordamos, chegou ainda a reinar tresentos annos. Estas dynastias tem succedido umas ás outras, por meio de guerras assoladoras, em que as mais das vezes ficaram provincias inteiras despovoadas. Apesar disto tem o imperio chinês atravessado incolume mais de quarenta seculos, sobrevivendo a tantos outros reinos e nações, e conservando quasi os mesmos usos e costumes dos mais remotos tempos da sua origem. No entanto quantos imperios, quantos povos famosos de que falla a historia, desapareceram inteiramente da face da terra!

As causas da conservação e permanencia dos costumes da sociedade ehineza, são dignas das investigações dos sabios. Alguns homens eminentes da Europa se tem occupado desta tarefa, que, todavia, se pode ainda dizer muito incompleta. Se, porem, este assumpto tanto reclama o estudo dos orientalistas, maior attenção lhes deve merecer outro fenomeno, talvez ainda mais admiravel, e secundo em resultados para a historia primitiva do genero humano.

Ha no seio do povo chinês, outro povo quasi tão desconhecido para elle como para os europeus. Nas montanhas das provincias do Koei-chou, Su-choan, Jun-nan e

Kuam-si, existem povos ou tribus que nunca os chins poderam subjugar, e que ha quarenta seculos resistem a essa formidavel pressão da innumera raça chinesa, que por toda a parte os cerca, sem contudo nunca ter podido absorvel-os, nem mesmo devassar o interior das montanhas em que vivem. Chamam-lhes I (barbaros), ou miao-tze (habitantes das selvas, ou dos campos incultos).

¿Que gente será esta das montanhas chinesas? ¿Serão chins, que na queda das differentes dynastias tenham procurado asylo nessas regiões alpestres, fugindo á perseguição dos seus inimigos? Não o supponho. É certo que nas diversas crizes por que tem passado o imperio, muitos chins se tem refugiado nas partes montanhosas do paiz. Os primeiros insurgentes que appareceram em campo na guerra civil que hoje devasta a China, eram chins que depois da queda da dynastia Ming, na primeira metade do seculo xvii, se tinham refugiado nas montanhas de Kuam-si. Mas na propria provincia do Chely, onde se acha a capital do imperio; á vista, por assim dizer, do filho do céu ou imperador, ainda ha poucos annos existiam povoações independentes, reconcentradas nas serranias.

Só no reinado de Tao-kuam (esclarecida razão), pai do actual imperante, é que, por causa de discordias intestinas, aquellas povoações vieram espontaneamente sujeitar-se á auctoridade dos mandarins das cidades mais vizinhas.

Não nos parece verosimil que os primitivos montanezes sejam chins. Sempre inimigos declarados do governo imperial, sob todas as dynastias, a historia chinesa nol-os dá existentes nos reinados dos tres imperadores Iau, Xun e Iu, que os chins apellidam santos, e em cujo tempo o imperio gosou de profunda paz e grande prosperidade. Seus reinados constituem a idade de ouro do reino do meio, dizendo os chins, na sua linguagem metaphorica, que então «o bicho não dava nas searas, os animaes não fugiam do homem, e os rapazes não apanhavam passaros.» Aquellas tribus sempre se tem conservado independentes: apenas algumas tem sido temporariamente subjugadas, como succedeu na provincia do Su-choan, no reinado do imperador Kien-lum, em 1775; mas de prompto recobram a independencia.

É mui provavel que estas tribus sejam a raça aborigene da China, que habitava o paiz quando teve logara emigração das *cem familias*, vindas do noroeste, e que foram o tronco da grande nação chinesa; raça que na fecundidade se pôde talvez comparar ás que mais copiosamente multiplicam entre os animaes, e que inundando essa immensa região, onde parece fóra recebida como hospede, em breve obrigou o povo aborigene a refugiar-se nas terras altas, para onde levou, e conserva ainda hoje, implacavel odio contra os chins. A estes é vedado o accesso ás suas povoações, e apenas alguns bofarinheiros ou mercadores volantes, penetram nas que demoram nas freixas das montanhas.

Estes povos não vivem entre si como os selvagens d'America, ou como os negros d'Africa, no estado de barbaria ou sempre em continua guerra; pelo contrario, reina entre elles paz e harmonia. É, por tanto, provavel que tenham uma civilisação propria, talvez tão diversa da civilisação chinesa como esta o é da europeia, e mesmo da das nações do centro e occidente da Asia.

Se aos philologos europeus não fóra vedado, como aos do reino das flores, viver no meio destas povoações, aprender-lhes a lingua (inintelligivel para os chins), conhecer-lhes os usos e costumes, e investigar-lhes as tradições, quantos segredos, quantas revelações curiosas não adquiriria a sciencia ácerca da historia tão confusa das primitivas nações da Asia?

Se não me engano, é a primeira vez que se fórmula claramente a existencia d'estes povos, perdidos ou ignorados no proprio gremio do desconhecido imperio chinês; fechados hermeticamente, por assim dizer, ao tracto e civilisação do mundo por dois circulos concentricos, formados cada um pelos odios de raça, pelos preconceitos nacionaes, e pela diversidade de linguas.

Nas obras mais acreditadas e mais recentes sobre a China não se encontram as noticias que sobre este particular agora apresentamos ao publico, sob a auctoridade do venerando bispo elleito de Pekin, D. João de França Castro e Moura, que durante dezete annos percorreu o celeste imperio, e residiu muito tempo na capital. D'este insigne varão em virtudes e letras, obtivemos estas noções, e outras que iremos aproveitando no decurso d'este trabalho.

O cataclysmo politico e social que hoje está ameaçando o reino do meio, e o rapido caminhar da moderna civilisação, dão motivo talvez a esperar que não estarão muito longe os tempos em que, não só os recatados chins, mas os proprios miao-tze, cem vezes mais mysteriosos, sejam verdadeiramente conhecidos pelas nações occidentaes; e d'ahi resulte commungarem a final uns e outros nas idéas de sociabilidade universal, cuja iniciativa tanto honra os povos europeus.

Continua.

C. J. CALDEIRA.

UMA VIAGEM PELA LITTERATURA CONTEMPORANEA.

(OFFERECIDA AO SR. A. HERCULANO)

J. S. MENDES LEAL.

Ao *Sonho da Vida* seguiu-se a *Flor do Mar*, acção mais viva que prima nas mesmas qualidades.

A este succedeu a *Estatua de Nabucco*, obra de muito mais folego, estudo e alcance. N'este romance ha scenas d'uma verdade daguerreotypica e d'uma naturalidade de estylo admiravel. Tal é por exemplo a chegada de Diogo á casa de campo de Rodrigo, aspado n'uma azemola fabulosa, pintura fiel dos nossos rocins d'aluguer. A satisfação innocente, a vaidade incorregivel, a alegria ruidosa do caixeiro que se vê livre da voz despotica do patrão, com a perspectiva de dois dias de liberdade, que não trocava pela promessa d'uma fortuna futura, estão ali vivendo em paginas que não se de fôr. Diogo oscillando no corcel transparente julga-se tanto, como um lord inglez trotando no seu melhor cavallo.

Como são verdadeiras as suas expansões no seio do seu amigo! Como é comica e tocante ao mesmo passo a franquesa facil do seu genio folgassão! Como são naturaes e divertidas, aquellas scenas ridiculas em que a sua leviandade o precipita a cada passo! É um typo exacto, um retrato fiel de mais de um original contemporaneo. Notam-se n'este livro algumas desigualdades, mas não deixa em duvida as disposições de Mendes Leal então, para ser o que hoje é, um escriptor dominante e correcto. O primeiro volume, o unico impresso, tem trechos, dialogos, descripções, quadros de genero, e scenas de familia escriptas com uma veia, uma poesia e uma elegancia que não tem que invejar a ninguém.

Sabemos que o auctor tem promptos os outros quatro volumes de que se compõe a obra e ha muitos leitores que anciosamente reclamam a sua publicação.

O *Calabar* escripto ultimamente para um jornal do Rio de Janeiro, não obstante conhecermos-lhe só o fragmento publicado ultimamente na *Patria*, estamos convencidos que é um dos seus melhores e mais conscienciosos trabalhos litterarios, um d'esses trabalhos de larga concepção, de grandioso desenho, de esmerado estudo que servem para completar a physionomia d'um talento, e a reputação de um homem.

Mendes Leal, fez com a America do Sul, o que já Cooper havia feito com a America do Norte. Levantou do pó dos tumulos as gerações esquecidas, reconstituiu a ascendencia brasileira, poetizou a historia colonial. Alagando de luz deslumbrante aquella natureza immensa, fez surgir viva aos olhos aquella vegetação luxuosa, aquelle aspecto virgem, aquelle sol esplendido. No *Calabar* estão as raizes da arvore de geração do novo imperio. O *Calabar* hade ser uma revelação e ficar um monumento. Importa avaliar devidamente a longa fadiga que uma obra d'estas devia custar. Com mais difficuldade que o seu modelo, Mendes Leal, teve que desenhar sitios que nunca viu, senão com os olhos do estudo e da imaginação; e quantos os conhecem, confirmam a exactidão d'elles. Contamos fazer uma apreciação mais completa d'este romance, quando o seu auctor o publicar n'este paiz; mas desde já podemos annunciar, como profundamente persuadidos, que é uma das melhores obras portuguezas que se tem publicado.

Variando infatigavel o emprego da sua continua applicação, superior intelligencia e energica actividade, Mendes Leal, a quem não apontamos maiores commettimentos, emprehendeu um trabalho arduo e summamente difficil, escrevendo a *Historia da Guerra do Oriente*. Era o unico genero que lhe restava tentar para completar as multiplas aptidões da sua admiravel vocação litteraria. Extractaremos o que d'esta obra disse litterariamente apenas appareceram as suas primeiras folhas, um dos nossos mais conscienciosos, mais rectos, e mais perspicazes escriptores, o sr. Antonio de Serpa.

«Saíram á luz os primeiros capitulos d'esta obra, importante para o paiz, como acontecimento litterario. O livro de Mendes Leal, pelo que promettem as suas primeiras paginas, não terá inveja ás obras historicas, com que se tem enriquecido nos ultimos tempos a litteratura estrangeira, e que são, pela sua forma, e pelo seu espirito uma das feições mais caracteristicas da litteratura moderna.

A maior parte dos acontecimentos da questão do Oriente, principalmente os que precederam a guerra e os que a tem acompanhado de longe em Londres, Pariz, Vienna e Berlim, são enigmas indecifráveis para quem não tenha estudado a situação politica, as tradições diplomaticas, os interesses e o estado dos espiritos nas principaes nações europeas. Os primeiros capitulos são destinados á exposição succinta, mas clara e racionada da Europa, das causas latentes e do pretexto da contenda, que se suscitou no Oriente, primeiro no campo diplomatico, e que hoje se debate no terreno ensanguentado de uma guerra gigantesca.

Sob o ponto de vista de interesses nacionaes, Portugal pôde ser avaliado imparcial n'esta lide contemporanea, porque nenhum dos seus resultados possiveis pôde affectar de uma maneira directa e prevista os nossos interesses como nação...

A guerra do Oriente não é só uma contenda de interesses de engrandecimento, de rivalidades diplomaticas, de capricho dos governos. Por baixo das causas occasionaes havia elementos predispostos á lucta; era o antagonismo de idéas sociaes e politicas, a pertender influir na Europa em sentidos oppostos.

O conflicto latente patenteou-se. Os homens podem entrar n'estes successos, pertendendo dirigi-los aos fins do seu interesse; mas não são senão os instrumentos da lei suprema, que regula os destinos sociaes.

Não se poderá negar, se a obra corresponder, como esperamos, aos primeiros capitulos, que ella honra a litteratura nacional e é mais um monumento valioso da gloria litteraria.»

Quando estas linhas foram escriptas existia apenas a primeira parte do primeiro volume. A impressão que produziu no esclarecido espirito de Antonio de Serpa, a leitura desses capitulos, tanto pela energia, pelo relevo, e pela correção do estylo, como pela investigação escrupulosa dos factos, resolveram-o a dar logo uma idéa delles ao publico, e a celebral-o como um trabalho de subido valor, que não terá como diz «inveja ás obras historicas, com que se tem enriquecido nos ultimos tempos a litteratura estrangeira.»

Neste momento e no curto espaço de dois annos temos já diante de nós perto de tres fortes volumes. O theor do escripto é sempre o mesmo, circumspecto, profundo, vigoroso e ardentemente colorido. Juntando á opulencia da idéa o lavor esmerado da phrase, estas paginas tão ricas de factos como de pompas, são as de um homem que se sente no periodo sisudo do seu talento, que reconhece quanta responsabilidade lhe cabe, para sustentar o lugar que legitimamente ganhou entre os primeiros escriptores contemporaneos, e o dever religioso que tem de justificar no futuro.

O trabalho que tomou a braços Mendes Leal, era para assustar o mais resolutivo. Escrever a historia d'uma guerra, quando as ballas sybillam ainda disputando a victoria, quando os estandartes adversos acenando ao combate ainda se hasteam nas muralhas, rotos pelo fogo do canhão, quando o gemido dos moribundos, se confunde com os brados do entusiasmo, quando as contradicções se cruzam n'um dedalo com as noticias que partem dos dois campos, e quando o espirito está forçosamente subordinado ás impressões que o agitam, e ás predilecções que o movem; escrever, digo, a historia de tal guerra, é uma empresa quasi temeraria em que muitos naufragariam. Por mais consciencia que haja no individuo, por maior que seja o seu empenho de ver desassombrado e a sangue frio os acontecimentos que se lhe desenrollam á vista, nas paginas mais ou menos verdadeiras que em tropel affluem, as suas sympathias e as suas tendencias não de actuar sobre elle porque é esta a indole do coração humano. Só quarenta ou cincoenta annos depois, se podia escrever desaffogada e imparcialmente a historia desta guerra colossal, tão rica de prodigios de valor e de actos de heroicidade; pagina terrivel e grandiosa de que só ha poucos exemplos mesmo nas mais gloriosas tradições dos tempos passados; lucta cheia de meditações se, depois de olhar á coragem individual a consideramos pelo lado scientifico, como pagina tremenda que prova os progressos da intelligencia humana, á custa da propria humanidade. Excita-nos a admiração e revolta-nos: falla-nos ao entusiasmo e provoca-nos a indignação. Custa a crer que no seculo XIX ainda se destruam reciprocamente homens, se arrazem cidades, se inventem e aperfeiçoem instrumentos de devastação, e que se escrevam com sangue os tratados que a intelligencia só, devia formular!

Todavia Mendes Leal seguiu, dominou, investigou e descreveu os successos da lucta, com uma superioridade e sagacidade de vista que foi buscar o pensamento inspirado ás entranhas dos factos. Soube discriminar com mão segura o verdadeiro do falso, e essa era a maxima difficuldade. Soube ser philosopho e historiador. Soube penetrar o espirito das porfias diplomaticas e pintar como mestre as antonomias das raças e os campos de batalha! Vê-se que tratou de ser equitavel no julgamento com sincera probidade: e mais de uma das suas prophcias de ha dois annos, que então contrariavam o espirito publico, é já hoje uma realidade.

Para levar a effeito o vasto plano da obra, foi necessario um trabalho prodigioso. Revolvendo escrupulosamente todos os actos officiaes publicados, aproveitando os subsidios a que a hermeneutica severa da historia dá o cunho de verdadeiros, estudando minuciosamente as negociações diplomaticas, percorrendo attentamente as notas chronologicas e descripções topographicas, assenhoreando-se em fim de todos estes complicados elementos, profundou a origem desta conflagração quasi europêa, e conseguiu dotar o paiz com uma obra que lhe dá tanto credito como ao proprio auctor, e que desde logo atraiu a attenção e obteve os suffragios dos diplomaticos mais illustres.

Os interesses feridos, os direitos ameaçados, as crenças herdadas, a necessidade de dominio d'uma nação poderosa foram os motores principaes desta grande peleja, que custou milhares e milhares de homens, e cujo desenlace não era facil prever.

Dolorosos e repellidos ataques de estomago, resultado da fadiga incessante, da continua applicação e de uma vida sedentaria, cuja devorante actividade é toda mental, tem forçado o auctor a modificar os seus trabalhos, e a interromper este por algum tempo. Sabemos porem que prepara já os materiaes para a sua continuação e que brevemente lhe dará um novo impulso.

Continua.

ERNESTO BIESTER.

Os grandes homens não são aquelles, que os contemporaneos admiram, e divinizam; mas aquelles, de que os vindouros fazem a epopeia, e a apothese.

OS PLENIPOTENCIÁRIOS NO CONGRESSO DE PARIS.

Assignado o tratado de paz, resta a publicação d'este para se poder fallar com perfeito conhecimento de causa, e melhor ainda se vierem á imprensa, como alguns jornaes indicam, os protocolos das conferencias. O facto da consumação da paz, só por si é de summa importancia, e não duvidamos que os seus resultados venham ampliar-se a diversas questões, que ainda poderiam agitar a Europa.

Os diplomaticos que representaram no congresso as potencias interessadas são homens já muito conhecidos na carreira dos cargos publicos em seus respectivos paizes e na diplomacia. Daremos com os seus retratos alguns apontamentos biographicos.

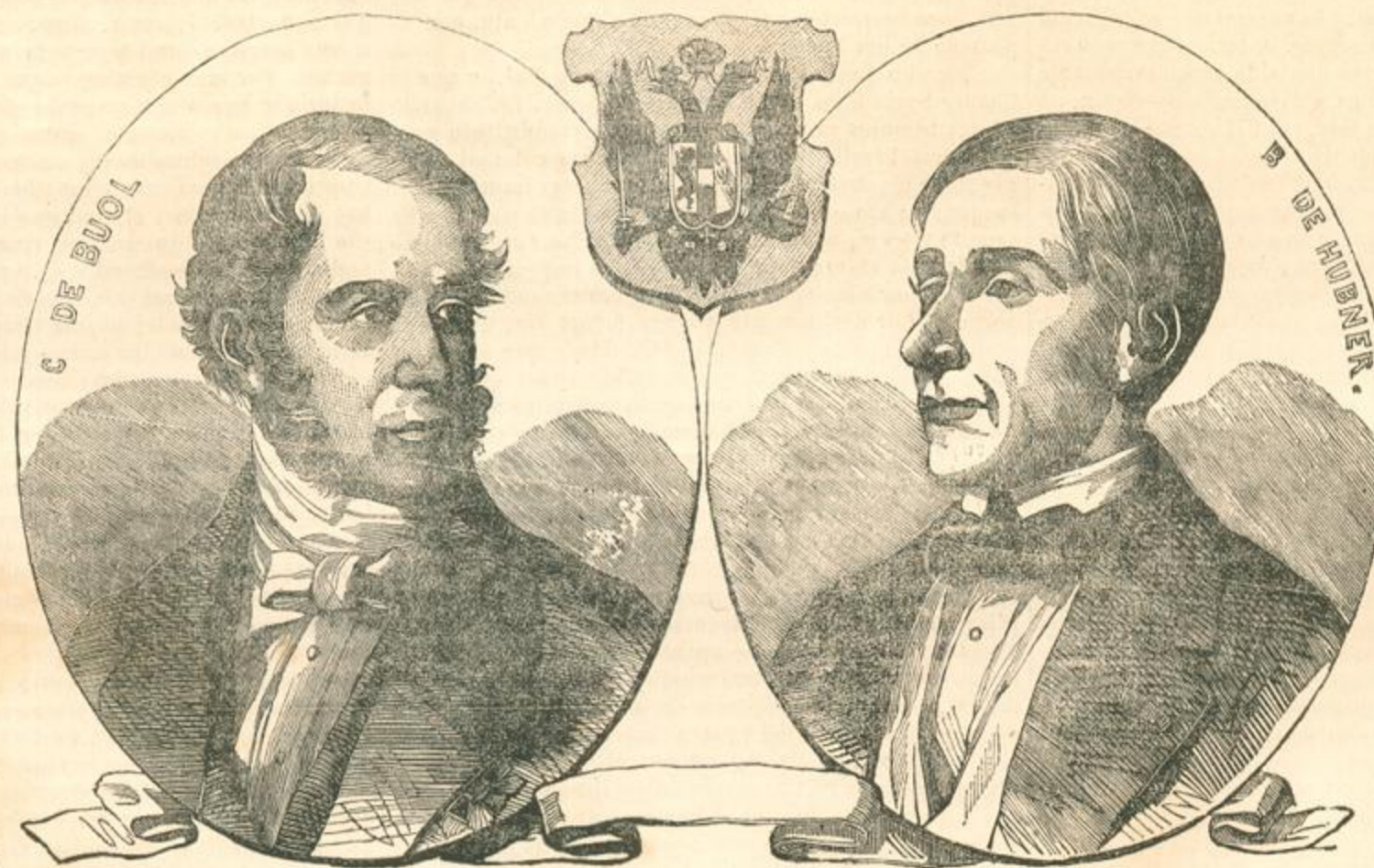
Os plenipotenciarios francezes foram o conde Walewski e o barão de Bourqueney. O primeiro nasceu em 4 de maio de 1810; sua mãe era polaca, e lhe inspirou tal sympathia pela sua patria que contanto apenas dezoito annos negociava em Londres a favor da Polonia com os estadistas mais eminentes da Inglaterra, que ficaram seus amigos. Posto que tivesse muitas relações com o duque de Orleans não quiz esperar em tempo de paz e no serviço de guarnição as condições exigidas para se adiantar nos postos da milicia; deu, por isso, demissão da patente de capitão do 4.º regimento de husares, e dedicou-se logo á vida politica, começando pelos jornaes. Desde então entrou mais ou menos nos successos contemporaneos. Fundou o *Mensageiro* pouco antes de se encargar do ministerio M. Thiers. O presidente do conselho do 1.º de março de 1840 adquiriu este jornal e conferiu a M. Walewski a uma missão no Egypto; e o seu successor, M. Guizot o enviou como plenipotenciario a Buenos-Aires; successivamente ministro em Florença e Napoles, foi em 1854 nomeado embaixador em Londres. Actualmente é senador, desde 26 d'abril de 1855, e ministro dos negocios estrangeiros desde 7 de maio do mesmo anno; nesta qualidade foi encarregado de presidir as conferencias do congresso.

Como M. Walewski, o barão de Bourqueney entrou na diplomacia pela porta do jornalismo: antigo redactor do *Jornal dos Debates*, teve depois

diversas missões. Ministro da França em Constantinopla de 1834 até 1848 pode ver formar-se no horisonte a trovoadá que estourou depois em Alma, Inkermann e Sebastopol. Mr. de Bourqueney representava a França em Vienna, quando houve as conferencias celebradas entre o principe Gortschakoff e os ministros das duas nações occidentaes em dezembro de 1854; e n'ellas insistiu no ponto de partida assentado por M. Buol, isto é, que o restabelecimento da paz não podia ser buscado fóra das quatro garantias propostas.

O conde Buol-Schauenstein, primeiro dos plenipotenciarios austriacos, nasceu a 17 de maio de 1796. Começou muito moço a carreira diplomatica sob os auspicios de seu pai, presidente da dieta germanica; foi successivamente addido ás legações de Florença, Hanover, Cassel, e Francfort; secretario d'embaixada na Haya, passou no mesmo cargo a Paris e depois a Londres, de 1822 a 1828, e d'aqui a Carlsruhe, como ministro pelo gabinete de Vienna, que tambem representou no Wurtemberg em 1838, e posteriormente nas cortes de Parma e Turin; depois de outros encargos difficeis, mr. de Buol foi acreditado enviado extraordinario e ministro plenipotenciario em Londres. Designado pelo principe de Schwarzenberg moribundo á confiança do imperador Francisco José, succedeu áquelle estadista na direcção dos negocios do imperio, que ainda occupa.

O segundo plenipotenciario austriaco é o barão Alexandre de Hubner, que nasceu em Vienna a 26 de novembro de 1811; tendo cursado a universidade, foi admittido á chancellaria imperial em 1833. Do gabinete do principe Metternich passou em 1837 para a embaixada austriaca em Paris. Depois de ter sido secretario da legação em Portugal em 1841, foi consul geral em Leipsig. Encarregado em 1848 da correspondencia diplomatica do vice-rei da Lombardia, foi retido prisioneiro durante alguns mezes pelos insurgentes de Milão. Por occasião das revoluções de Vienna, M. de Hubner permaneceu fiel á causa imperial, e o principe de Schwarzenberg o encarregou de dirigir a correspondencia estrangeira. Em 1849 veio em missão extraordinaria a Paris, e depois foi nomeado mi-



nistro plenipotenciário na mesma corte em 2 de dezembro.

O conde de Clarendon, ministro dos negócios estrangeiros da rainha Victoria, é o primeiro plenipotenciário no congresso de Paris pela Grã-Bretanha: nasceu em 12 de janeiro de 1800; estudou na universidade de Cambridge e entrou depois na diplomacia. Em 1833 representou o seu governo em Madrid, e adquiriu ali uma influencia de que usou para fazer triumphar as idéas constitucionaes, e procurou muito atenuar os horrores da guerra civil melhorando a sorte dos prisioneiros. Voltando a Londres em 22 de março de 1838 tomou assento na camara alta, longa e brilhante é a sua carreira parlamentar e politica, nem cabe em curto espaço historiala. Em 1853 entrou no gabinete formado por lord Russell; vindo a ser ministro dos negócios estrangeiros teve de seguir necessariamente todas as complicações do Oriente.

O segundo plenipotenciário inglez é lord Cowley, primogenito do antigo embaixador da Grã-Bretanha em Paris no tempo do ministerio Peel; nasceu a 17 de julho de 1804. Também enctou cedo a carreira que seu pae seguira com distincção: sendo primeiramente addido á embaixada de Vienna, desempenhou por muito tempo as funcções de secretario de legação em Stuttgard, e na mesma qualidade passou em 1843 para a de Constantinopla, onde por espaço de um anno substituiu habilmente o embaixador lord Stratford Canning então ausente. Recolhendo a Inglaterra tomou assento na camara dos lords; estava para ser nomeado embaixador na Suissa, quando os acontecimentos de 1848 lhe deram outro destino: enviado a Francfort junto ao poder central alemão, teve parte activa nas negociações d'essa epocha. Em 1853 foi chamado para render lord Normanby na embaixada de Paris.

Continua.

A HOSPITALIDADE.

LEGENDA SERVA.

Na Biblia ha certos factos e exemplos que não são unicamente objecto de fé para os povos christãos, mas que os vemos reproduzidos, embora transformados e com nomes diversos, na historia tradicional de muitos povos.

N'isto se prova a antiguidade do Velho Testamento.

Chateaubriand, no seu *Genio do Chris-*

lianismo, occupa-se profundamente d'esta demonstração.

A unanimidade que se encontra entre certas tradições religiosas, quasi sempre apresentadas como symbolos moraes, como indicações parabolizadas de verdadeiro ensino e exemplo para a existencia em commum dos homens ou para as regras que devem moldar os seus pensamentos, desejos e aspirações, provam a verdade infinita das maximas do Evangelho, que só pelo vigor dessa verdade, pela eloquencia do exemplo que indicam, se têm tornado pontos de crença universal e dogmatica para a convicção de muitos povos, ainda para aquelles mais alheios, pelos seus principios religiosos, aos preceitos da fé christã.

Já havia tempo que o sol tinha desaparecido: a lua allumiava os plainos cobertos de neve.

Um estrangeiro entrou na choupana do pobre Lazaro. — Sede bem vindo, lhe disse Lazaro.

Depois voltando-se para sua esposa, proseguiu:

— Luibitza, accende a lareira e prepara de ceiar.

Luibitza respondeu:

A floresta é vasta, e a lenha estalla e chammeja no lar, mas onde está a ceia? Não é verdade que ha dois dias nem almoçamos?

A vergonha e a confusão torturaram o coração do pobre Lazaro.

— És tu um servo, acudiu o estrangeiro, e não tens nada que me dar?

O pobre Lazaro abre uma arca, sobe ao celeiro, e nada encontra: nem um bocado de pão, nem um fructo, nem um grão de arroz ou centeio.

A vergonha e a confusão torturaram o seu coração.

— Eis aqui de comer, carne fresca, disse o estrangeiro, passando a mão sobre a formosa cabeça de Janka, a linda creança de anellados e louros cabellos.

Luibitza olhou para elle, soltou um grito e cahiu no chão sem alento.

— O que?! minha filha? exclamou Lazaro com os olhos rasgados de pranto.



Modas.

LAZARO O DEGOLADOR.



Modas.

—Depois travando de Janka bradou:

—Jámais se dirá que um servo faltou aos deveres da hospitalidade.

A estas palavras, pegou de um sabre e degolou a formosa Janka como um cordeiro.

Oh! quem poderá descrever a ceia do estrangeiro!

Lazaro adormeceu, e perto da meia noite, ouviu a voz do estrangeiro que o chamava pelo seu nome e assim lhe dizia:

—Ergue-te Lazaro. Eu sou o Senhor teu Deus. A hospitalidade serva ficou sem mancha. Tua filha resuscitou, e a abundancia entrou em tua casa.

Depois d'isto, viveram muito tempo o rico Lazaro, a bella Luibitza e a formosa Janka, a creança dos louros e anellados cabellos.

ANDRADE FERREIRA

BIBLIOGRAPHIA.

Apontamentos sobre a cholera-morbus epidemica, na sua invasão em Portugal pelo fallecido dr. Emygdio Manoel Victorio da Costa, coordenados por seu filho o dr. Adolpho Manoel Victorino da Costa. — Rio de Janeiro, 1855.

Hoje, que a cholera-morbus tem ameaçado invadir-nos, e que alguns casos, raros felizmente, d'esta terrivel enfermidade se declararam em Lisboa, e não poucos appareceram nas provincias; é sempre bem vindo um escripto, que tracta d'esta doença tão estudada e tão pouco conhecida, sobre tudo, quando esse escripto, seja elle qual fór, poder apresentar no campo da therapeutica mais de um facto bem estudado, cuja observação ministre resultados proveitosos para o homem scientifico e para o clinico.

Retirado ao Rio de Janeiro por causa das nossas dissensões politicas, o dr. Emygdio Manoel Victorio da Costa, não se esquecia da sua patria e voltando para ella olhos de saudade, tentava minorar as tristezas do exilio, trabalhando e estudando, para um dia offerecer como brinde ao seu paiz obras notaveis.

Amargurado pelas recordações da patria, e com o coração retalhado pelas desgraças de Portugal, morreu lamentando as nossas discordias internas e legando a seus filhos, para que os publicassem ou destruíssem, os trabalhos, de que se occupára, fructo sazornado de uma intelligencia distincta e de um exame profundo.

Entre estes avulta um opusculo, maior no merito, do que no tamanho, a que seu author tinha posto o modesto titulo de *Apontamentos sobre a cholera-morbus epidemica* e que seu filho o dr. Adolpho ultimamente publicou.

Além de uma dissertação, que pertence ao compilador sobre o genero da palavra cholera-morbus: além de uma memoria sobre esta molestia, progressos, modos de invasão e meios de os remediar; o pequeno livro, de que tractamos, apresenta uma larga serie de cazos, que constituem uma bella estatistica, rica em dados therapeuticos e clinicos, e de summa vantagem para o cirurgião, que enecta a sua carreira, e que tem de se ver a braços com tão seria enfermidade; por que proporciona n'um rapido quadro, grande numero de observações, interessantes em si, e recommendaveis, por serem authorisadas pela probidade reconhecida do facultativo, que as colligio.

A memoria, que precede o trabalho puramente medico, accusa erudição não vulgar da parte do seu auctor, e a apurada consciencia, que inspira todas as suas lucubrações, todavia desejaríamos bastante, que menos escriptoso, não desse tamanha latitude a similhante objecto, que pôde alienar-lhe os leitores, fazendo com que não apreciem tanto o grande merito, que effectivamente tem. Menos extenso, talvez mesmo podendo em menos espaço preencher o mesmo fim, conseguiria o dr. Victorio atrahir a attenção d'aquellas pessoas que em geral, olhando mais para a extensão da obra, do que para o seu verdadeiro valor, condemnam á primeira vista, e poem de lado os livros, aterrados unicamente pelas dimensões.

Conhecemos, que bem deve custar a um escriptor sacrificar o plano, que traçou, ás exigencias de leitores, que, a maior parte das vezes, não são os mais competentes em questão d'esta natureza; mas que remedio, se elles constituem a maioria do publico!

A memoria do fallecido dr. Emygdio sobre a cholera-morbus, recommenda-se por todos os respeitoes, e como tal a aconselhamos aos peritos. Além de apresentar idéas novas sobre o flagello, além de desenhar correcta e claramente, todas as feições e phases da epidemia, abraça em curto espaço quanto precisa saber sobre este assumpto o clinico vulgar, tornando-se-lhe por este motivo um excellent *vade-mecum*. Acerca da estatistica finalmente, resta-nos lamentar a perda de um caderno do manuscrito, que a fazia ainda mais extensa, e deplorar tambem, que o pouco desenvolvimento dado a algumas observações, não as deixe reunir com as outras em beneficio da sciencia. Provavelmente, não procedendo d'esta fórma, o author desejou evitar a maior extensão do livro, facilitando assim a sua leitura; mas conseguindo-o, prejudicou-a intrinsecamente, e deixou-a um pouco menos apta para satisfazer ao fim a que era destinada, o qual pela sua importancia merecia algum sacrificio.

Seria para desejar, que um mappa, contendo em resumo os resultados de todos aquelles factos, apresentasse facilmente ao leitor as conclusões, que só com algum trabalho elle pôde deduzir de taes apontamentos. Era um aper-

feiçoamento pouco arduo de concluir, e necessario; e, como tal o lembrámos ao editor, para, se o aprovar, enriquecer as edicções futuras, que o trabalho de seu pai certamente hade contar.

Concluiremos apresentando a opinião do dr. Victorio sobre o livro de seu pai; concordando em tudo absolutamente, e assegurando-lhe desde já, que o seu trabalho não foi inutil, e que o castigo, que receia, não lhe será de certo inflingido; porque seria injusto em si e pouco provavel, vistas as vantagens, que a obra offerece aos seus collegas fluminenses, e que já proporcionou aos seus irmãos de alem mar.

O trecho é o seguinte:

«Os apontamentos sobre a cholera-morbus asiatica, escriptos por nosso pai, devem ser uteis a Portugal como elle mesmo diz: o medico, que se incumbir de escrever a historia circumstanciada d'esta epidemia na sua invasão em Portugal, encontrará ali documentos veridicos sobre a invasão, marcha, e terminação da molestia: o medico pratico terá mais para consultar uma serie de cazos, observados com todo o escrupulo, e attenção por um dos mais perspicazes, e profundos observadores de Portugal, como era geralmente reconhecido por seus collegas: e o legislador poderá d'ali tirar regras para preservar o povo das grandes epidemias, tanto quanto é possivel: lendo a censura que nosso pai dirige ao seu proprio governo, talvez que em identicas circumstancias um outro governo cure melhor dos interesses do povo. Tambem pensamos, que estes apontamentos devem ser uteis ao Brasil; o medico brasileiro, lendo este escripto, poderá tirar vantagem na sua clinica, dando o devido desconto ao clima, ás condições do organismo, e a mil causas, que influem nas molestias, sua marcha e tratamento. Pôde acontecer, que estejamos enganados, e que este trabalho seja inutil; se assim fór, receberemos o terrivel desengano a posteriori; as nossas intenções porem são puras, e isto nos salvará; além de que só nós seremos castigados pelas despezas da impressão.

O sr. Dr. Victorio acaba de contrahir um grave compromisso para com o publico; prometeu-lhe a publicação das obras de seu pai, e elle ancioso as espera.

Oxalá que cumpra a sua promessa, que não desista de tão louvavel empenho, e que uma tão mimosa collecção, se não resumia á feliz estreia, que tivemos o prazer de apreciar.

R. PAGANINO.

A MINHA ROSA BRANCA.

Eu vi uma rosa branca,
N'um jardim muito escondida
Era linda como nunca,
Vi rosa na minha vida.

Pasmado fiquei a olhal-a,
Era tão linda e tão bella,
Que n'aquelle mesmo instante
Morrer me senti por ella.

D'um salto transpuz o espaço,
Que me apartava da flor;
Fiz-lhe mil loucos protestos,
Do mais delirante amor.

Ah! que amor lhe votei logo!
Com que delirio e paixão,
A cubri d'ardentes beijos,
Estreitando-a ao coração.

Quando a aurora despontava,
No firmamento amorosa,
Adeos doloroso, e longo
Disse á minha linda rosa.

Par'ceu-me o dia tão grande,
Que me cancei de viver,
Porque só podia á noite
Ir a minha rosa ver.

Ía então todas as noites,
Quando tudo em paz dormia,
Ver a minha rosa branca,
Até que voltava o dia.

Uma noite negra e triste,
Vel-a fui ebrio d'amor,
Encontrei murchado o tronco,
E perdida a minha flor.

Procurei pelo jardim
Uma folha ao menos d'ella,
Encontrei uma saudade
Legado da flor singella.

Guardada a tenho no peito,
E cada vez mais viçosa
É tudo quanto me resta,
Da minha encantada rosa.

E. A. CALAS.

VIAGEM D'ELREI O SENHOR D. PEDRO V.

ÀS PRINCIPAES CORTES DA EUROPA NO ANNO DE 1854.

Era uma das mais sublimes vontades, e dos mais formosos pensamentos da rainha Fidelissima a senhora D. Maria II, fazer viajar pelas principaes côrtes da Europa a seu augusto filho e successor, elrei o senhor D. Pedro V.

Pela dolorosa circumstancia, que todos deploramos, coube a sua magestade o senhor D. Fernando, rei regente, a gloria de fazer realizar tão bom intento, pois que authorisado pela carta de lei de 22 d'abril de 1854, pôde permittir que seu excelso filho emprehendesse uma viagem da qual tantos beneficios devem resultar á nação portugueza.

Tendo havido no dia 26 do mez de maio o beija-mão de despedida no real paço das Necessidades, foi pelas dez horas da manhã do dia 28, que elrei o senhor D. Pedro, com seu irmão o serenissimo senhor infante D. Luiz, duque do Porto, embarcaram no vapor de guerra *Mindello* em que deviam partir, acompanhado do vapor de guerra *Duque de Saldanha*. — Formavam a sua comitiva o marechal do exercito, duque da Terceira, o visconde da Carreira, o marechal de campo, barão de Sarmiento, o coronel Philippe Folque, e o cavalheiro Francisco de Mello, filho primogenito do marquez de Ficalho.

Pouco depois a flotilha real, commandada pelo major general d'Armada e chefe d'esquadra, barão de Lazarim, levantou ferro e desceu o Tejo, acompanhada de varios vapores de navegação d'aquelle rio, com os altos funcionarios do Estado, e das legações estrangeiras até á sahida da barra, em que elrei regente se despediu de seus augustos filhos, e com o seu cortejo regressou a Lisboa. Foi porem a a esquadilha acompanhada até ao cabo Finisterra pelo vapor francez *Newton*, e pelo vapor brasileiro *Magé* que devia seguir-a em toda a viagem.

No fim da tarde do dia 2 de junho, o vapor que conduzia elrei o senhor D. Pedro V começou a entrar o rio de Southampton. E eram onze horas da noite quando o embaixador portuguez, residente em Londres, o par do reino conde de Lavradio, com o ministro do Brazil, acompanhado de lord Tabley, camarista da rainha Victoria, e do coronel Wilde, ajudante de campo, e official da casa do principe Alberto, com um grande numero de portuguezes, indo ao encontro da esquadilha foram a bordo do vapor comprimentar e beijar a mão a el-rei e ao senhor infante.

Estando a noite muito adiantada sua magestade resolveu desembarcar na manhã seguinte: ao nascer do sol do dia 3 quando o vapor *Mindello* entrava no molhe de Southampton uma salva real annunciou a toda a cidade a chegada do rei de Portugal, seu augusto irmão, e comitiva. — tremolando logo em todos os navios, surtos n'aquelle porto, a bandeira portugueza em signal de cortejo a esta nação.

Depois das oito horas e meia da manhã sua magestade Fidelissima e sua alteza desembarcaram, entrando nas carruagens da casa real Britanica, que, pelo caminho de ferro tinham de os conduzir a Londres.

Então elrei recebeu no seu desembarque todas as demonstrações de regosijo publico, e aquellas honras de respeito e grandeza que lhe eram devidas, assim como os cumprimentos dos portuguezes, e eram muitos, que ali tinham affluído, entre estes o conselheiro d'estado conde de Villa Real, que havia vindo expressamente de Paris para esse fim, e o visconde d'Alte, ministro portuguez nas côrtes da Sardenha e Duas Sicilias.

Não pôde deixar de ser sensivel o acto solemne da recepção em que as autoridades, e os habitantes de Southampton, e todos os portuguezes se descobriram, e levantaram cordeaes vivas ao rei de Portugal, ao antigo aliado da Inglaterra!

Passava das onze horas da manhã quando elrei e o senhor infante chegaram á estação de Hine-Einis, junto a Londres, onde sua alteza o principe Alberto os esperava, e abraçou cordealmente, como seus alliados e sobrinhos (1). Entrando, com elles, em uma carruagem, partiram para o palacio real de Buckingham onde a corte se achava.

A rainha da Grã-Bretanha logo que soube que elrei de Portugal se aproximava do paço, acompanhada das principaes pessoas da sua casa, desceu a escada, e veio recebê-los ao vestibulo.

Effectuada esta recepção as augustas personagens ficaram sós por algum tempo, até que sua magestade Britanica e o principe Alberto conduziram elrei e o senhor infante aos aposentos, que n'aquelle palacio haviam sido preparados para sua residencia.

No domingo seguinte, quatro de junho, foram sua magestade Fidelissima e o senhor infante, ouvir missa a uma egreja, que fica contigua á casa da legação portugueza em que depois entraram.

No dia 6 foi assistir com sua alteza real o principe Alberto, e seus filhos o principe de Galles, e principe Alfredo aos exames publicos da Academia de Eton.

No dia 7 recebeu elrei na casa da legação os cum-

(1) Sua alteza o principe Alberto Francisco Augusto, esposo da rainha de Inglaterra, é primo co-irmão d'el-rei o senhor D. Fernando, por ser filho de seu tio paterno o duque de Saxonia Coburgo-Gotha. Ernesto Antonio Carlos. Igual parentesco se dá com sua magestade Britanica, por quanto é filha de sua alteza a duqueza de Kentia paterna d'elrei viuvo.

primentos do corpo diplomatico, a cuja visita não faltou um só embaixador, ou chefe de missão n'aquella corte.

Por esta occasião o duque de Wellington pediu, com instancia, ser apresentado a elrei, que attendendo á memoria do duque, seu pae, lhe concedeu uma honrosa recepção.

Continua.

F. J. DA COSTA.

A ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES DE LISBOA E A NECESSIDADE DE UMA REFORMA.

I

Vai em oito annos que um critico eminente em assumptos de arte escrevia as seguintes perguntas, tratando de resolver alguns dos mais difficeis problemas que poderiam completar a educação dos artistas em França: «O ensino da arte terá chegado ao seu necessario desenvolvimento entre nós?

«A escola de Paris e a de Roma não deixarão nada a desejar?

«Não haverá muito a mudar e bastante a accrescentar na direcção dos estudos?

N'estas poucas palavras em que o escriptor francez resume quasi todas as questões inherentes ao progresso artistico das vocações destinadas ás artes do desenho, estão por certo contidas as indicações da reforma da nossa Academia.

Com a differença, porém, que se ha oito annos a critica illustrada pedia para a Escola de Paris uma reforma de estudos, um complemento de ensino, e outros meios de instrucção indispensaveis á completa desenvolvimento da esphera do homem que se vota a qualquer dos ramos comprehendidos na carreira das bellas-artes, e isto em França, paiz onde o engenho e aptidão do artista encontravam já n'este tempo institutos regulares, methodos theoreticos e praticos exemplificados por excellentes galerias de modelos, dirigidos e illustrados por lentes de inquestionavel merito, com quanta mais razão não poderemos, e devemos nós, fazer hoje nossas estas perguntas, se quisemos correr uma analyse rapida pelo estado da nossa Academia de Bellas-artes, e apreciar os seus resultados em relação aos progressos que a arte da pintura, da escultura, da architectura e da gravura vão ostentando entre todos os povos cujo adiantamento e civilisação as fazem considerar não só como um alarde da opulencia ou assumpto de bom gosto, mas como uma necessidade impreterivel do progresso social?

E effectivamente, qual é o estado da nossa Academia de Bellas-artes?

Qual é o seu systema de ensino? Quaes são os seus methodos de estudo?

Como é que se acham regularizadas as suas escolas?

Qual é a capacidade relativa, a illustração, a sollicitude, o amor de arte, as vistas largas e esclarecidas sobre o verdadeiro genio da pintura ou da escultura que possuem os individuos que dirigem estas escolas?

A resposta é desanimadora; ou, para melhor dizer, a resposta, para ser sincera e justa, é a censura viva do nosso unico instituto de ensino artistico, a refutação cabal e completa dos seus methodos de ensino, e uma arguição a muitos dos homens que se tem achado á testa das suas escolas.

A Academia, para se lhe fazer justiça inteira, não pôde ser avaliada senão pelos resultados.

E quaes tem sido elles?

Instituida, pela reforma de 1836, isto é, ha vinte annos, qual tem sido a influencia correspondente a uma instituição d'esta ordem e a um decurso de tempo d'esta importancia nos diversos ramos de artes que o seu complexo de estudos comprehendem?

Os differentes edificios e monumentos, e todas as demais obras em pintura, em escultura, e em architectura que se hão produzido desde então, que o digam, que o atestem.

Nada por ahí se vê que não acuse a falta de instrucção technica e esthetica dos nossos artistas.

Não ha um pensamento, uma concepção, um reflexo de talento que tenha erguido a arte ás verdadeiras e poeticas regiões da idealidade.

Em cousa alguma se manifesta esse sentimento profundo que se inspira do estudo da verdade e conhecimento dos primores da antiguidade grega e romana.

Se exceptuarmos o grupo do frontão no Theatro de D. Maria, e as estatuas que lhe estão sobrepostas, obra de um artista distincto cujos estudos e lucubrações o tem familiarizado com os melhores modelos da escola antiga, nada mais encontramos que possa attestar o progresso das artes esculpturaes entre nós.

Na pintura mais lisongeiros e promettedores tem sido os resultados, não ha duvida. Mas nem mesmo assim se podem attribuir com verdade esses resultados ao influxo directo e exclusivo da Academia, ao seu systema de estudos e illustração de seus lentes,

E' preciso que se intenda uma cousa. A influença de um instituto de Bellas-artes sobre as tendencias artisticas de um povo, o seu impulso nas espheras das idéas e elevadas concepções da interpretação, assim como a natureza e excellencia de obras que as manifestam, não se legitimam nem proclamam por alguns casos isolados, produzidos durante uma larga serie de annos. Desgraçado

do paiz (e muito enfeitado seria elle do espirito inspirador que accende as verdadeiras faculdades do artista), que não veja vislumbiar no seu seio alguns d'esses talentos privilegiados faceis em consubstanciar sobre o marmore ou sobre a tela as inspirações irradiantes da fantasia abrazada pelos fulgores de uma natureza sempre esplendida e risonha.

Felizmente não somos d'esses. Portugal, pelas suas bellezas naturaes, e pelo coração e indole de seus habitantes, é artista por natureza. Debaixo d'este céu, sereno e puro, sempre inundado de ondas de luz, brotam a par das riquezas da vegetação os mais deslumbrantes esplendores do talento em todas as produções do espirito e da imaginação. Desde Affonso Domingues até Machado, e desde Gran Vasco até Sequeira, as artes do desenho acharam sempre interpretes entre nós, que nos aproximaram e elevaram a todo o brilho e primor dos melhores modellos e tradições classicas.

Agora ainda acontece o mesmo. Não é a falta de engenhos que deploramos, por que os ha. Ha-os actualmente na propria Academia das Bellas-artes. Entre os seus professores ha vocações illustres que honram o paiz e a arte, e de lá tem saído mancebos que nos asseguram já hoje, pelas brilhantes manifestações do seu talento, um esperançoso futuro.

Mas o que deploramos é vermos que não se realizam os effectos que devem seguir-se ás grandes instituições como uma consequencia necessaria. Uma academia de bellas-artes auctorisa-se, e demonstra de uma maneira irrecusavel a força e a valia da sua iniciativa na larga esphera das vocações artisticas, quando, pela excellencia dos seus fructos, pela efficacia e demonstração exemplificativa dos methodos que estabelece, quando pelas obras dos professores que a representam, cria uma escola, ou, pelo menos, determina um certo complexo de regras e theorias que influa visivelmente na marcha dos estudos em qualquer dos ramos das artes, e que os regularisa, que os aproxima das normas e modellos mais illustres das epochas florescentes da pintura e da escultura.

São estes effectos os que deve produzir uma instituição academica, quando ella seja o templo e não o sepulchro da arte.

Em França, pelo menos, assim aconteceram. Ao estylo mythologico da escola de Lebrun vimos succeder a elevação poetica da escola de David, tão condemnada pela sua affectação e exaggeração theatral; e a esta a regeneração do verdadeiro genio da pintura, representada na idealidade suave de Ingres e na vehemencia e brilho de colorido de Lacroix.

Na Allemanha o mesmo. Ao ideal manifestado tão energeticamente por Winkelmann e seus discipulos succedeu o systema pantheo-espiritualista de Limmernann e Shwanthaler, que, guardando ainda o sentimento bysantino se esforçaram de o alliar ás formas mais esbeltas e mais delicadas das primeiras escolas bolonheza e romana. Modificaram o que em semelhante modo de imitar havia de absoluto e mesmo de servil. Depois vieram Frederico Owerbeck, Veit, Vogel, Cornelius e Hess que restabeleceram uma nova phase para a historia da arte em que a pintura readquiriu todo o vigor, frescura e singularidade com que havia florescido nos seculos XV e XVI.

Na Italia ainda o mesmo. Posto que aquelle berço das artes pareça ir legando toda a sua gloria ao emporio da civilisação actual, á moderna Athenas, como a havia herdado da Athenas antiga, comtudo as mesmas modificações ahí se observam operadas pelo criterio e estudo methodificado das Academias. A imitação immoderada, que se havia transformado n'uma especie de idolatria exclusiva pelos grandes mestres, e que de Giotto e Cimabue se remontára desvairadamente ás extravagancias e delirios da fantasia dos bysantinos, presentemente, refreada pelos chefes do movimento restaurador, tende a realizar esse accordo admiravel do temperamento e da sciencia, da imaginação e do bom-senso, que constitue a excellencia do gosto e o sentimento fino e delicado do que se chama bello-ideal.

Não temos por certo a louca pretensão de caminhar a par com estas nações nos progressos da arte, e menos de influir tão brillantemente nas modificações por que ella possa ter passado, sob qualquer das suas manifestações. Mas a verdade é que em Portugal estes progressos deviam pelo menos sentir-se e perceber-se actualmente, como se perceberam e ostentaram desde o seculo xv, e não n'um ou n'outro exemplo, não no desenvolvimento especial d'este ou d'aquelle talento, mas nos principios e theorias que um instituto academico só pôde e deve fundar, reflectindo, como lá fóra, os effectos d'esses principios e theorias no mundo das idéas, que é isto que fundamenta as verdadeiras escolas, unicos factos que determinam uma phase no pensamento da arte.

Mas podemos nós jactarmo-nos d'estes resultados? Podemos affirmar que temos presentemente uma escola, um estylo que exprima o caracter nacional, um genero que denuncie as tendencias ou perdileções do genio portuguez?

Nem sombra d'isso.

A historia da pintura, tão esplendidamente representada entre nós pelo talento de Gran Vasco, pelos primores que conserva o Escurial de Affonso Coelho, pelos belos quadros de Campello que ainda hoje attrahem a attenção dos amadores no mosteiro de Belem, pelas obras derramadas e engrandecidas por toda a Europa de Francisco de

Hollanda, pelo colorido ticianico e effectos de perspectiva das pinturas do Claudio Coelho, pelos arrojados de concepção de Sequeira, perdeu o seu cunho caracteristico. E tudo, menos nossa. Apenas nos apparecem, como a protestar contra o servilismo da imitação lo classico, ou contra esses tristes documentos da decadencia do gosto e dos bons preceitos, de que a Ajuda é uma demonstração tão fatalmente eloquente, o bello quadro de *Camões na grulla de Macáu*, do sr. Metrass, expressão viva do genio da pintura peninsular, tradusida na elegancia da composição e correcção de desenho da escola romana, e tudo animado, palpitando de vida por aquella brilho e harmonia de cor do pincel de Ticiano.

Os quadros de genero do sr. Annuniação, e atraz d'este e do sr. Metrass os esforços e tentativas de uma phalange de jovens talentosos, são ainda como o genio da pintura agonisante que refulge e aporfia em se mostrar com o seu antigo esplendor entre nós.

Mas ainda assim, nem estes talentos são um resultado legitimo e privativo da nossa Academia, nem ainda que o fossem, são aquelles que ha direito a esperar de uma instituição academica no espaço de vinte annos.

O sr. Metrass não é filho da Academia, é filho da sua grande habilidade e applicação. E senão comparem-se as suas obras antes de sair de Lisboa, com as que produziu fóra do reino, ou depois de recolher de visitar o Vaticano, o Louvre e o Luxembourg, e conhecer-se-ha a verdade do que dizemos.

Com o sr. visconde de Menezes e o sr. Sousa acontece o mesmo. O proprio sr. Fonseca só nos soube reproduzir aquella transparencia e belleza de tinta de Raphael, e muitos dos seus mais admiraveis toques, depois dos seus estudos em Roma.

Quanto ao sr. Annuniação, esse não saiu do reino, não ha duvida; no entanto amostrem-nos na Academia quem fosse o digno mestre do Pousin portuguez. Cremos que não se atraverão a dizer-nos que fosse o sr. André Monteiro, com quanto a critica illustrada tenha a considerar em muito a sua memoria. Por certo que não. O sr. Annuniação deve tudo a si: ao seu estudo do natural, á finura e verdade da sua observação, a elevação do seu ideal. E como elle muitos outros em que a pintura tem de assegurar o seu futuro entre nós.

E será isto porque na Academia das Bellas-artes de Lisboa não tenha havido realmente homens distinctos nos diversos ramos de ensino, capazes de dirigirem os estudos da mocidade portugueza?

Não por certo.

A Academia ainda ha pouco contava quatro professores de reconhecido merito, os srs. Fonseca, Assis, Cerqueira, e André Monteiro. Os nomes já illustre dos srs. Annuniação, Metrass e Sousa, vieram reforçar os dos seus antigos mestres, por morte de alguns delles. Porém o mal de que nos queixamos parte sobretudo da organização, e da carencia de meios que possam completar a educação de um verdadeiro artista.

O defeito não está principalmente nos individuos, está mais ainda nas causas. É portanto destes vicios de organização, desta ausencia cabal e quasi absoluta de verdadeiros elementos de estudo, de que nos vamos occupar nas breves ponderações que ahí iremos escrevendo.

Não apresentamos este trabalho como infallivel, mas como um incentivo de discussão, onde as indicações de reforma de alguns pontos de melhoramento indispensaveis serão indicadas e resolvidas com verdade e rigor analytico.

E não é já pouco o que fazemos.

ANDRADE FERREIRA.

SAUDADES.

Nas horas mortas da noite
Como eu amo o meditar
Quando as estrellas scintillam
E a brisa vem susurrar;
Quando a lua magestosa
Surgindo linda e formosa
Como donzella vaidosa
Nas aguas vai-se mirar?

N'essas horas de silencio,
De tristesa e de amor,
Eu gosto de ouvir ao longe
Cheio de magoa e de dor,
O sino do campanario
Que falla tão solitario
Co'aquelle som mortuario
Que nos enche de pavor.

Então; proscripto e sosinho,
Eu solto aos eccos da serra
Suspiros d'essa saudade
Que no meu peito se encerra;
Esses prantos de amargores
São prantos cheios de dores,
— Saudades — dos meus amores,
— Saudades da minha terra!

CHRONICA SEMANAL.

Na sua carreira aventureira a chronica registra dias de gala e dias de lucto, actos brilhantes e scenas dolorosas. É desta ultima classe a que teve ultimamente lugar em presença de milhares de testemunhas no tribunal da Boa Hora. O prompto julgamento do réo Andre Turnes, assassino do fallecido conselheiro Ildefonso Leopoldo Bayard, trazia vivamente interessada a attenção do publico. A natureza e circumstancias do crime, a alta reputação d'um dos advogados dos réos e a reputação nascente do seu collega na defesa, eram outros tantos incentivos para a curiosidade.

André Turnes é homem de trinta e oito annos, de mediana estatura, mas de fortes proporções; cabello ruivo e barba cerrada. As linhas da sua fisionomia são pronunciadas e salientes, o que melhor se observa, vendo-o de perfil. Conservou sempre perfeito sangue frio, ostentando quasi completa indifferença ao que se passava. Nem mesmo a leitura da sentença lhe despertou o menor sobresalto. Aquella impassibilidade ou revelava um cynismo revoltante ou uma resolução suprema.

Depois de formulada a accusação pelo delegado do ministerio publico o sr. Fernandes Thomaz, coube a palavra ao sr. C. R. Coutinho, como defensor do réo. O joven advogado manifestou brilhantemente a sua vocação. Dominou pela palavra a assembléa, chegando por vezes a commovel-a. Sustentou o principio da abolição da pena de morte, e neste fertil e esplendido assumpto soube elevar-se á altura da verdadeira eloquencia, matizando de imagens vigorosas e deslumbrantes o seu discurso. A defesa foi energica, e se não venceu a campanha é porque os melhores generaes nem sempre as ganham, e se ali perdeu o lance é destes que se podem considerar reveses gloriosos. Profetisamos-lhe um bello futuro.

Em seguida fallou o sr. Pinto Coelho, e a sua defeza era muito mais facil. Os outros dois criados irmãos eram apenas suspeitados de cúmplices, e já no interrogatorio que se lhes havia feito e ás testemunhas tinham ficado quasi justificados. Contudo o illustre advogado soube tirar o partido que lhe restava da causa, e foi veheamente severo e implacavel com o ministerio publico. Teve em quanto fallou o auditorio suspenso e maravilhado.

Entre os jurados só conhecemos o nosso amigo Francisco Patha, que sabendo ser poeta ameno sabe tambem cumprir os deveres de zeloso cidadão.

No mundo litterario as novidades mais recentes e importantes appareceram na *Revista Peninsular*. O *Braço de Nero*, estudo tragico de Mendes Leal, que mostra lição profunda da vida e sociedade romana naquellas epochas de crises repetidas e de immensas abalos. Distingue-se pela versificação severa e opulenta, e pela cor local da vida a crudicção que se occulta debaixo das galas do estylo. É a fisionomia romana a largos traços, mas fundida em bronze. Vê-se ali que Mendes Leal conhecendo a sua posição litteraria e avaliando a responsabilidade do seu nome, obedece ás austeras exigencias de uma consciencia forte de si, e diariamente fortificada por solidas e novas investigações. Da sua vida de cenobita saem estes fructos amadurecidos pela reflexão constante e sisuda e pela frequente lição dos grandes modelos.

Rebello da Silva, publicou tambem no mesmo jornal parte de um estudo litterario sobre Alexandre Herculano. O prosador hombrêa com o poeta e o grande historiador achou uma analyse digna delle. Naquelle estylo vigoroso e florescente vive uma philosophia sã, uma sagacidade de observação rara e uma facilidade de locução como de quem está habituado a tornar a lingua escrava docil das suas grandes faculdades.

Dão as mãos nas mesmas paginas Rebello da Silva e Mendes Leal, os dois escriptores eminentes que marcham á testa da novissima geração litteraria.

No Gymnasio appareceu uma comedia intitulada o *Dominó Verde*. É dos titulos mais elasticos que conhecemos. Até hoje parece-nos que já correu todas as cores do arco-iris e brevemente realisarã uma palheta de tintas. Este *Dominó Verde*, em que fundavam talvez as mais verdes esperanças deixou a empresa com a agua na bocca. Pessimamente traduzida e mediocrementemente representada cabendo nesta ultima parte as honras ao sr. Romão, esta comedia promette uma fraca duração em scena.

Saint-Léon alcançou ultimamente um triumpho igual ou superior aos que soube obter com o *Saltarello*, o *Duende do Valle* e as *Abelhas*. O novo baile intitulado *Os Saltimbancos* ou o *Processo do fandango*, é uma mimosa composição do illustre coreographo, que se affasta completamente do genero das outras tres. Alem da novidade que revela, é uma das mais animadas dansas que temos visto em S. Carlos. Ali não se pára, não se socega, nem se respira quasi; é um movimento continuo, um bulicio incessante, uma inquietação geral; tudo se move, tudo anda e desanda, tudo corre e circula, tudo dança. O expectador electriza-se e quasi que salta tambem. Alguns chegam mesmo a fazel-o, porque o exemplo dos saltimbancos é contagioso. N'uma das ultimas noites reparámos que um dos nossos visinhos na platéa começou insensivelmente a pular como qualquer dos juizes que estavam em scena. Ignoramos a posição social deste curioso entusiasta; era muito politico e parecia influente.

Varias pessoas attribuíam o pensamento d'esta dança ao drama o *Palhaço*, mas segundo a declaração do pro-

prio author do baile, é extrahido d'um vaudeville francez intitulado tambem *Le Procés du Fandango*.

A acção dos *Saltimbancos*, é singela como convem ás composições d'aquelle genero, não devendo nunca ser mais do que um pretexto para se dansar. Eis pouco mais ou menos todo o enredo. Ao levantar do panno vê-se uma praça apinhada de povo que afflue ali, ouvindo o chamamento do zabumba que annuncia a chegada dos *Saltimbancos*; estes entram dentro d'um carro puchado por um só cavallo. Todos lhe dão dinheiro e convidam-os a começar os seus exercicios.

Fandango (Saint-Léon) depois de ver as algibeiras cheias, ordena ao seu bando que principie o divertimento. Mariquita (mlle. Fleury) deita as cartas. Rosita (mlle. Palmyre) executa um passo em caracter *Las Panderetas*, finalizando pela *Olla Podrida* (Olea Putrida, diz o libretto) passo hespanhol dansado por Mariquita e Fandango.

Entre os expectadores dos *Saltimbancos* havia um fidalgo que se enamora da interessante cartomanciana, como diz o mesmo libretto. Era previsto este love-lace. Um juiz, que tambem se apaixonou pela sibylla, finge-se revoltado á vista de semelhante dansas e accusando os *Saltimbancos* de feiticios manda-os prender.

O segundo quadro é no tribunal dos juizes. Depois d'um interrogatorio em que Fandango desarma inteiramente o seu inimigo, este vendo frustradas as suas tentativas e descobertas as suas intenções a respeito de Mariquita, e não sabendo como sahir-se d'este aperto, manda que executem ali mesmo o tal fandango para poder formar um juizo exacto d'este passo. Esta idéa foi a peor que podia ter o juiz: ficou como se costuma dizer mettido na dansa. Insensivelmente electrizados pelo rythmo seductor da musica e pelo *salero* das dançarinas, juizes, soldados e povo não resistem á tentação e principiam a dansar todos.

N'este momento apparece o fidalgo; os juizes envergonhados e esfaldados prostram-se a seus pés, mas este sem poder conter o riso em presença d'aquelle escandalo, oferece a Mariquita e Fandango o seu palacio e um futuro brilhante.

O segundo acto é no palacio do tal fidalgo. Ha um baile de corte; dança-se o minuete. Fandango e Mariquita muito contrafeitos dentro do seu luxuoso vestuario contemplam a sensaboria daquella dança suffocados de riso. O fidalgo n'uma mimica expressiva repete a cada momento á formosa Mariquita que a ama e convida-a para assignar uma escriptura de casamento que um tabelião ali presente acabou de redigir. Como se vê, nestas dansas anda tudo expedito. De repente ouve-se na praça o bando dos saltimbancos. Mariquita larga a penna, Fandango corre á janella. A recordação da sua vida de nomada, a vista dos seus companheiros, desvanecem-lhe todos os sonhos de fortuna e grandeza, e não pensa senão em volver á sua antiga existencia. Mariquita despoja-se das joias, Fandango da espada e chapéo, e ambos saem da sala atropellando quanto se oppõe á sua passagem.

Mas o merito principal desta dansa consiste nos passos de que está matizada. Saint-Léon é um hespanhol legitimo; nenhum tem mais garbo e elegancia.

De mademoiselle Palmyre que diremos? que é aquelle o chiste, o desgarre, o *salero* em fim da verdadeira filha das Hespanhas. Que arrogancia na attitudo, que voluptuosidade nos passos, que provocador desplante nos gestos e maneios! A dansa d'uma hespanhola é mais do que dansa, é um perpetuo desafio aos sentidos; a hespanhola não estuda a correccção da estatuaria, não procura a elegancia estudada da graça feminiil. A hespanhola dansa pelo amor do movimento; dansa para agitar-se e agitar os outros. É a petulancia do sangue arabe; é quasi uma irritação em delirio. A dansa nas hespanholas não é uma arte, é uma vocação. Toda a hespanhola nasceu dançarina, — iamos quasi dizendo nasceu dansando, mas parámos a tempo com receio das observações pathologicas. A hespanhola quando não é dançarina é uma contrafacção de si mesmo. O pé que não estremece e não pula em cadencia ao som da mais leve sigadilha, é um pé hypocrita ou está viciado por sangue britannico; a sua dona foi vaccinada com um fragmento de gelo do polo. d'outro modo não se tempera aquella indole buliçosa. Mademoiselle Palmyre não foi vaccinada.

Quanto a mademoiselle Fleury é sempre uma formosa hespanhola, mas ás suas tendencias artisticas chamam-a a triumphos diversos. A *manola* graciosa está revelando a seu pesar a nympha dos bosquedos de Versalhes. Mademoiselle Fleury é uma Gipsy mais que uma andaluza. Vestris bater-lhe-ia as palmas: um *majo* difficilmente lhe offereceria um *cigareto*.

Mademoiselles Navarre e Lequine, e mr. Gredelue, tambem animam bastante aquelles quadros e executam algumas variações com habilidade e esmero.

ERNESTO BIESTER.

HABITANTES DO PORTO CHOSAN NA COREA.

O reino da Coreia é uma península que fórma parte do imperio da China, limitada ao nascente pelo mar do Japão, ao poente pelo mar amarello, e ao sul pelo estreito da Coreia, confinando pelo norte com provincias do imperio. A parte occidental do reino é composta de uma

infimidade de ilhas, denominadas archipelago da Coreia, que constituem quatro grupos principaes. O paiz goza de clima variado e de muita fertilidade na parte meridional; consistem as suas essenciaes produções em sedas, arroz e outros cereaes. Os habitantes trajam geralmente quasi como os seus limitrophes chinas; e posto que o seu idioma differe do tartaro e do chin, escreve-se, com tudo, com os caracteres d'esta ultima lingua. É uma região ainda pouco conhecida, cujas costas foram rapidamente visitadas pela expedição naval franceza que no anno passado dava caça aos navios russos nos mares da Indo-China.

M.

MODAS.

Chapeu de tafetá cor de rosa guarnecido de laços de fitas e pequenas rosas de maio, as copas redondas: vestido de riscas de côres, quatro folhos até o cotovello. *Corsage à pointe*. — Outros chapeus de filó branco, côpa bordada, flores não me deixes. Vestido de tafetá de Italia de cores, *corsage à pointe*. Outros chapeus de veludo cor de rosa; vestido de tafetá sombreado liso.

M.

BIBLIOGRAPHIA.

OBRAS PUBLICADAS PELO EDITOR DA ILLUSTRÇÃO LUSO-BRAZILEIRA. — RUA AUREA, 227 E 228.

PANORAMA, semanario de instrucção e litteratura, redigido por muitos escriptores distinctos. Publica-se regularmente todos os sabbados um numero contendo 16 columnas de fol., com excellentes gravuras em madeira. Preço por anno, em Lisboa, 1\$300 rs.; semestre, 700 rs.; nas provincias, por anno 1\$570 rs.; semestre 830 rs.

Publicou-se o 17.º n.º do 13.º vol., 5.º da presente serie.

UM QUADRO DA VIDA, drama em 5 actos, por Ernesto Biester. 1 vol. 8.º fr. br. 480

VIDA DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, por L. A. Rebello da Silva. 2 vol. em 8.º fr. br. 960

Esta excellente obra, saudada com unanime elogio pela imprensa periodica, constitue a primeira parte dos *Fastos da Igreja* do mesmo auctor.

RUDIMENTOS DE ECONOMIA POLITICA para uso das escolas por F. A. Marques Pereira. 1 vol. 8.º fr. 200

ADDIÇÕES AO MANUAL DO TABELLIÃO, por F. V. da S. Barradas. 1 vol. 8.º fr. 200

POESIAS, de L. A. Palmeirim. 2.ª edição augmentada. 1 vol. 8.º fr. br. 600

OS HOMENS DE MARMORE, drama em 5 actos por J. da Silva Mendes Leal Junior. 1 vol. 8.º fr. 480

O HOMEM DE OURO, drama em 3 actos (continuação do antecedente) pelo dito 1 vol. 8.º fr. 300

A CREZ, drama em 5 actos por Luiz de Vasconcellos 1 vol. 8.º fr. 320

MEMORIAS DE LITTERATURA CONTEMPORANEA, por A. P. Lopes de Mendonça. 1. vol. 8.º fr. br. 720

MEDICINA LEGAL, por Sedillot; traducção do Dr. Lima Leitão. 2.ª edição. 2 vol. 8.º fr. 1\$200

A REDEMPÇÃO, comedia drama em 3 actos, por Ernesto Biester, com uma introdução pelo sr. Mendes Leal Junior. 1 vol. oit. fr. rs. 360

NATUREZA DAS COUSAS, poema de T. Lucrecio Caro, trad. do Dr. Lima Leitão. 2 vol. 8.º brox. 800

POESIAS DE M. M. Barbosa de Bocage, edição completa em 6 volumes de 8.º fr. 4\$320

A HERANÇA DO CHANCELLER, comedia em 3 actos, e em verso, por J. S. Mendes Leal Junior, 1 vol. 8.º francez br. 400

OTHELLO, OU O MOURO DE VENEZA, tragedia em 5 actos, imitação por L. A. Rebello da Silva, um vol. rs. 300

A MOCIDADE DE D. JOÃO V., comedia drama e 5 actos, por L. A. Rebello da Silva e Ernesto Biester, 1 vol. 8.º fr. 480

No Prêlo:

POESIAS de J. S. Mendes Leal, 1 vol. 8.º fr.

DALILA, drama em 4 actos e 6 quadros, por A. de Serpa, 1 vol. 8.º fr.

AVISO.

Roga-se aos srs. Assignantes tanto das Provincias como da Capital que não tem satisfeito as suas assignaturas, o obsequio de o fazerem com a possivel brevidade; os das Provincias pelo seguro do correio, e aquelles da Capital dirigindo-se á loja do Edictor, rua do Ouro n.º 227.

O Edictor espera que os srs. Assignantes reconhecendo a justiça d'este seu pedido serão, como cavalheiros, promptos em o satisfazer.